

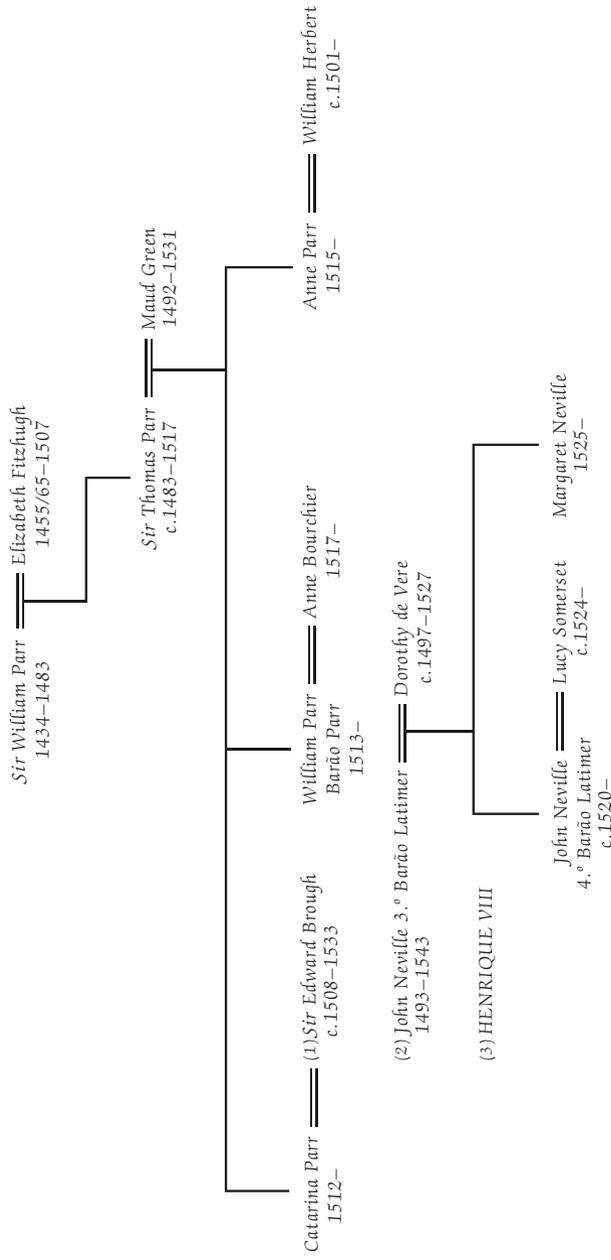
PHILIPPA GREGORY

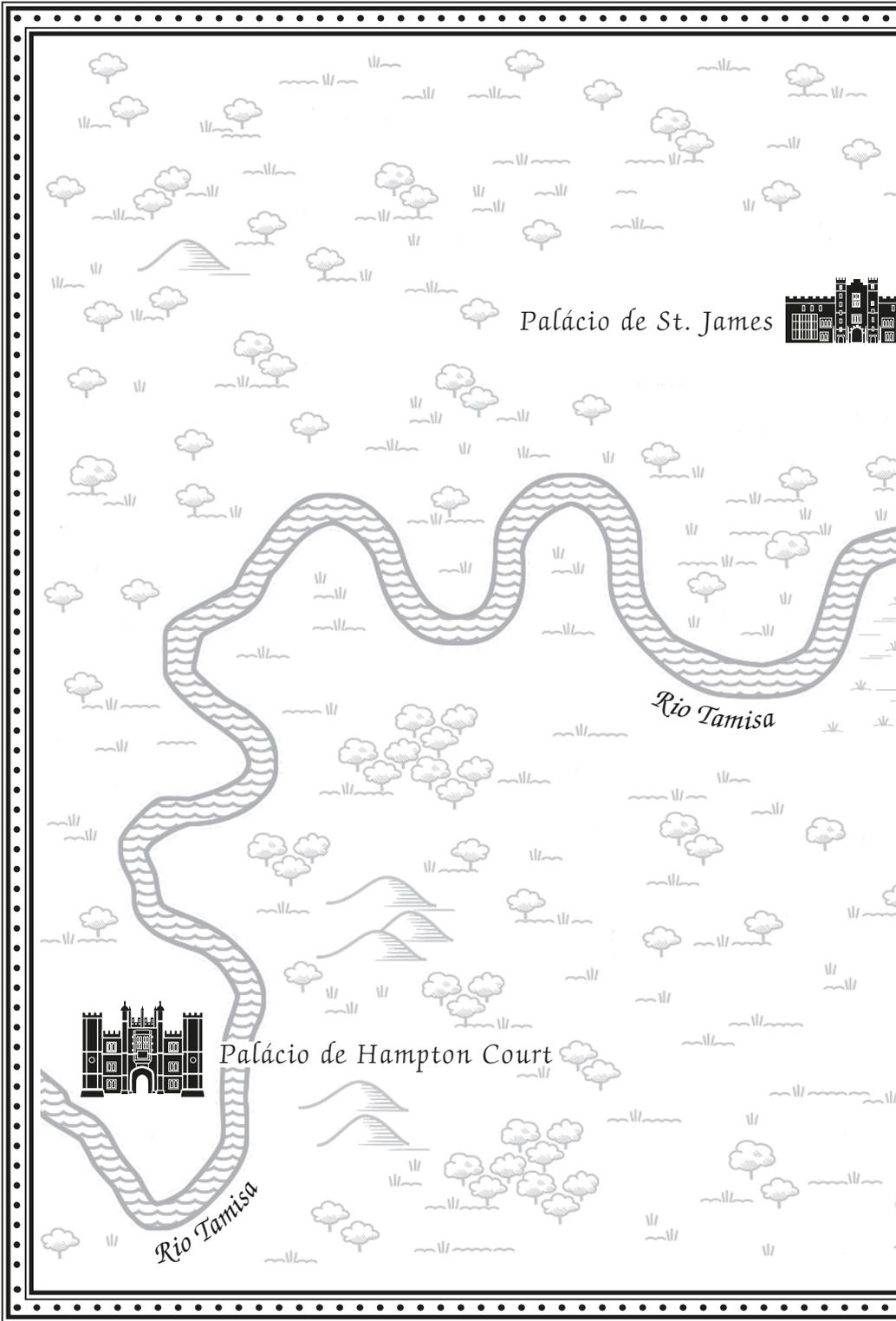
A Rainha Subjugada
Os Tudor

Tradução
Mário Dias Correia

Para
Maurice Hutt 1928-2013
Geoffrey Carnall 1927-2015

FAMÍLIA DE CATARINA PARR EM 1543





Palácio de St. James

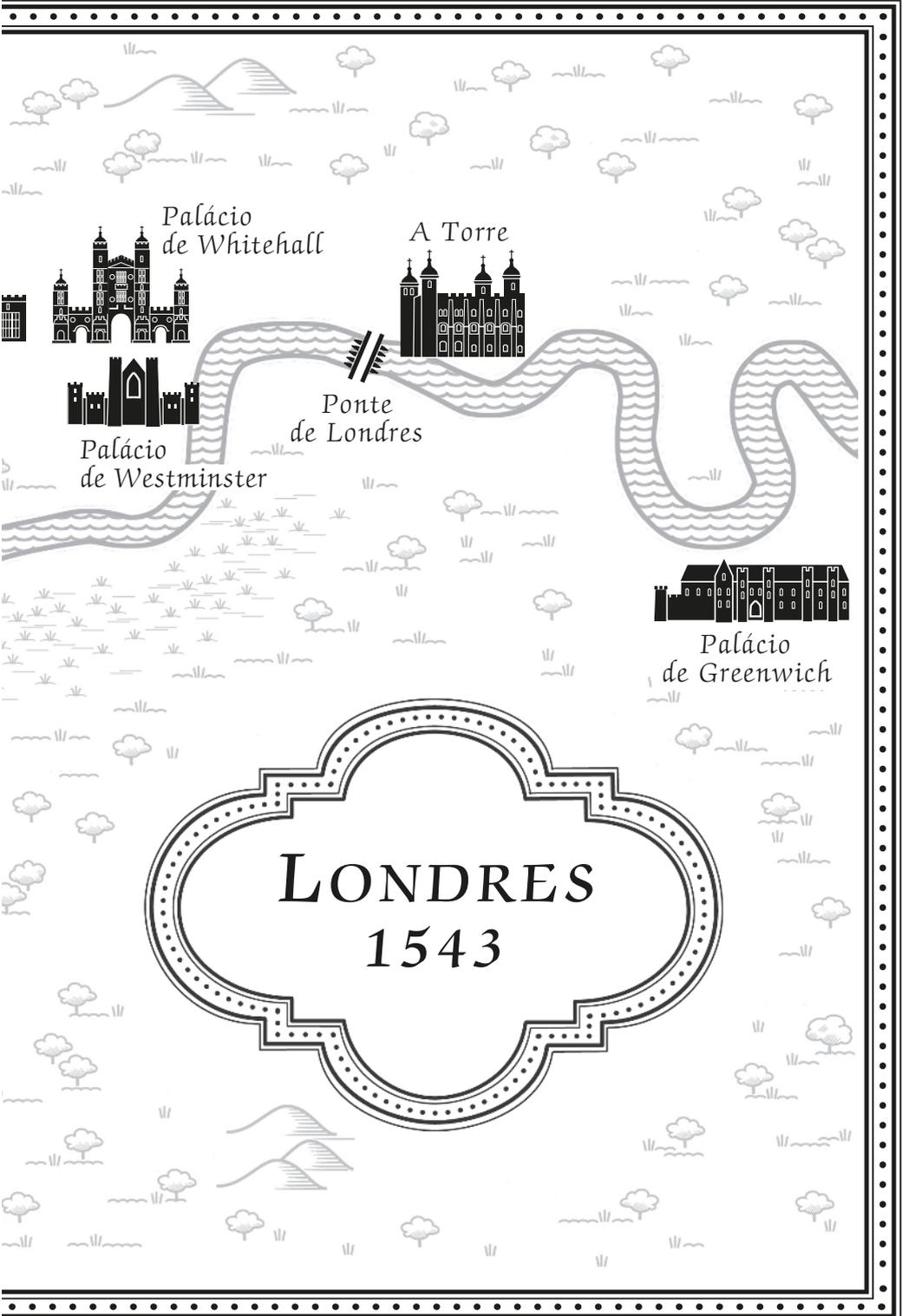


Rio Tamisa



Palácio de Hampton Court

Rio Tamisa



Palácio de Whitehall

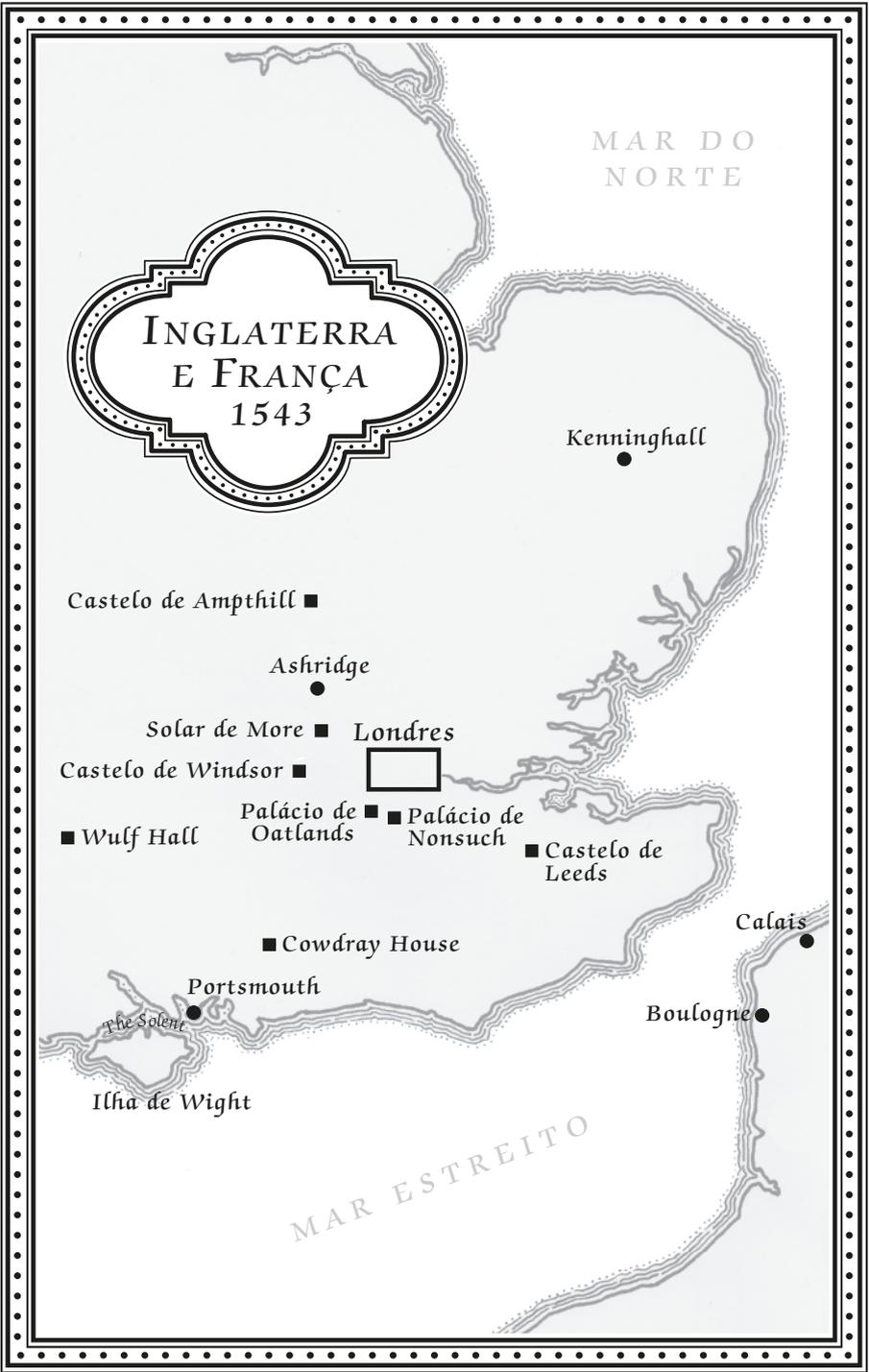
A Torre

Ponte de Londres

Palácio de Westminster

Palácio de Greenwich

LONDRES
1543



MAR DO
NORTE

INGLATERRA
E FRANÇA
1543

Kenninghall

Castelo de Ampthill ■

Ashridge

Solar de More ■ Londres

Castelo de Windsor ■

■ Wulf Hall

Palácio de
Oatlands ■

Palácio de
Nonsuch ■

Castelo de
Leeds ■

■ Cowdray House

Portsmouth

The Solent

Ilha de Wight

Calais

Boulogne

MAR ESTREITO

Palácio de Hampton Court, Primavera de 1543

Está de pé à minha frente, largo como um velho carvalho, o rosto como uma lua cheia presa lá entre os ramos mais altos, os rolos de carne enrugada encurvados para cima numa expressão benevolente. Inclina-se, e é como se a árvore fosse desabar sobre mim. Mantenho-me firme mas penso: com certeza não vai ajoelhar, como ainda ontem outros homens fizeram, e cobrir-me as mãos de beijos? Mas se acaso este homem enorme ajoelhasse teriam de içá-lo com cordas, como um touro atascado numa vala; e além disso, ele não ajoelha diante de ninguém.

Não vai beijar-me na boca, penso, não aqui nesta comprida sala com músicos a tocar num extremo e pessoas a passar. Semelhante coisa não pode com certeza acontecer nesta corte requintada, esta grande cara de lua não vai baixar para a minha. Ergo os olhos para o homem que a minha mãe e todas as suas amigas em tempos adoraram como o mais belo de Inglaterra, o rei com que todas as raparigas sonhavam, e peço a Deus num sussurro que ele não tenha dito as palavras que acaba de dizer. Absurdamente, rezo para ter ouvido mal.

Ele espera o meu assentimento, num silêncio confiante.

E então compreendo: é assim que vai ser a partir de agora até que a morte nos separe: ele esperará pelo meu assentimento ou dispensá-lo-á e seguirá em frente. Vou ter de casar com este homem maior e mais alto do que todos os outros. Está acima dos mortais, é um corpo celeste logo abaixo dos anjos: o rei de Inglaterra.

– Estou tão surpreendida pela honra – gaguejo.

O franzir da boca pequena alarga-se num sorriso. Vejo os dentes amarelados e cheiro o hálito a bafo de cão.

– Não a mereço.

– Mostrar-vos-ei como merecê-la – garante-me.

Um sorriso lascivo nos lábios húmidos recorda-me, para meu horror, que ele é um sensualista encurrulado num corpo que apodrece e que eu serei sua esposa em todos os sentidos da palavra; deitar-se-á comigo enquanto eu suspiro por outro homem.

– Posso rezar e pensar nesta maravilhosa proposta? – pergunto, numa procura desesperada de palavras corteses. – Fui apanhada de surpresa, posso dizer-vos. E tendo enviuvado há tão pouco tempo...

As hirsutas sobrancelhas cor de areia juntam-se no meio da testa; isto desagrada-lhe.

– Quereis tempo? Não desejáveis isto?

– Não há mulher nesta corte que o não deseje – apresso-me a afirmar –, nem neste país que não o sonhe. Eu como todas as outras. Mas sou indigna! Melhor assim, está apaziguado.

– Mal posso crer que os meus sonhos se realizaram – continuo, a reforçar a nota. – Preciso de tempo para me compenetrar da minha sorte. É como um conto de fadas!

Assente com a cabeça. Adora contos de fadas, disfarces e representar e todo o género de fantasias de faz-de-conta.

– Salvei-vos – declara ele. – Erguer-vos-ei do nada ao lugar mais elevado do mundo.

A voz, cheia e confiante, lubrificada durante toda a vida pelos melhores vinhos e as mais finas carnes, é indulgente; mas os olhos pequenos e duros interrogam-me.

Forço-me a enfrentar-lhe o olhar verrumante, sombreado pelas gordas pálpebras. Não me ergue de coisa nenhuma, não venho do nada: nasci uma Parr de Kendal, o meu falecido esposo era um Neville, estas são as grandes famílias do Norte de Inglaterra.

– Preciso de um pouco de tempo – negoceio. – Para me habituar à alegria.

Agita a mão sapuda num pequeno gesto, a indicar que posso demorar todo o tempo que quiser. Faço uma reverência e afasto-me a recuar da mesa onde estávamos a jogar cartas quando de repente ele me exigiu a maior aposta que uma mulher pode fazer: jogar a vida. É contra a lei voltar-lhe as costas: há quem, à boca pequena, afirme na brincadeira que é mais seguro mantê-lo debaixo de olho. Seis passos para trás ao longo da galeria, o sol primaveril a entrar pelas altas janelas e a bater-me na cabeça modestamente

inclinada, e então faço nova reverência, de olhos baixos. Quando me endireito ainda está a olhar para mim, e todos observam a cena. Obrigo-me a sorrir e continuo a recuar até às portas fechadas da câmara de presença. Atrás de mim, os guardas abrem-nas para eu passar, ouço o murmúrio das pessoas lá fora, excluídas da honra da presença real, faço uma terceira reverência no umbral, o grande rei a ver-me sair. Continuo a recuar enquanto os guardas fecham as duplas portas, ocultando-me à sua vista, e ouço o bater dos cotos das alabardas no chão.

Fico imóvel por um instante, a olhar para as portas de madeira lavrada, incapaz de me voltar e enfrentar os olhares curiosos da multidão que enche a sala. Agora que as grossas portas nos separam, descubro que estou a tremer – não apenas as mãos, não apenas os joelhos, mas todos os músculos do meu corpo, como se tivesse febre, a tremer como uma cria de lebre escondida num campo de trigo a ouvir o silvar das foices dos segadores aproximar-se cada vez mais.



Passa muito da meia-noite antes que estejam todos sossegados e a dormir, e eu ponho uma capa azul sobre a minha camisa de noite de cetim preto e, escura como uma sombra vestida com as cores do céu nocturno, saio sem ruído dos aposentos das damas e desço a grande escadaria. Ninguém me vê passar, tenho o capuz puxado para a cara, e, de todos os modos, esta é uma corte que compra e vende amor desde há muitos anos. Ninguém se interessaria muito por uma mulher a caminho do quarto errado depois da meia-noite.

Não há sentinelas postadas à porta do meu amante, que está destrancada como ele prometeu. Rodo a maçaneta e entro, e lá está ele, à minha espera junto à lareira, a divisão vazia, alumuada apenas por algumas velas. É alto e esbelto, de olhos e cabelos escuros. Quando me ouve, volta-se e um sorriso ilumina-lhe o rosto grave. Agarra-me, a minha cabeça contra o peito duro, os braços passados pelas minhas costas, a apertar. Sem dizer uma palavra, estou a esfregar a testa contra ele como se quisesse enfiar-me debaixo da sua pele, no seu corpo. Ficamos juntos por um instante, os nossos corpos a ansiarem o cheiro, o toque um do outro. As mãos dele agarram-me as nádegas, levantam-me do chão e eu enlaço-lhe a cintura com as pernas. Estou desesperada por ele. Abre a porta do quarto com um pontapé e leva-me para

o interior, fecha-a atrás de mim enquanto se volta e me deposita em cima da cama. Despe os calções, atira a camisa para o chão, e eu abro a capa e a camisa de noite e ele deita-se em cima de mim e penetra-me sem que uma palavra tenha sido dita, com apenas um longo suspiro, como se tivesse estado a conter a respiração durante todo o dia à espera deste momento.

Só então arquejo contra o seu ombro nu:

– Tomás, possuí-me toda a noite; não quero pensar.

Ele soergue o tronco em cima de mim para poder ver o meu rosto pálido e os meus cabelos cor de mogno espalhados pela almofada.

– Cristo, estou desesperado por ti – exclama, e então o seu rosto adquire uma expressão intensa e os seus olhos escuros tornam-se maiores e são velados pelo desejo quando começa a mexer-se dentro de mim. Abro mais as pernas e ouço a minha respiração curta e entrecortada, e sei que estou com o único amante que alguma vez me deu prazer, no único lugar do mundo onde quero estar, o único lugar onde me sinto segura: na cama quente de Tomás Seymour.



Pouco antes do raiar da aurora, serve-me uma taça de vinho de um frasco que tem em cima do aparador e oferece-me ameixas secas e pequenos bolos. Pego na taça de vinho e mordisco os doces, a apanhar as migalhas na mão em concha.

– Ele propôs casamento – digo sem mais explicações.

Tomás tapa os olhos com a mão por um instante, como se não suportasse ver-me sentada na sua cama, com os cabelos caídos à volta dos ombros, os lençóis enrolados à volta dos seios, o pescoço avermelhado pela fúria dos beijos, os lábios um pouco inchados.

– Deus nos ajude. Oh, Deus, poupa-nos isto.

– Não queria acreditar.

– Falou com o teu irmão? Com o teu tio?

– Não, comigo, ontem.

– Disseste a mais alguém?

Abano a cabeça.

– Ainda não. Não diria a ninguém antes de to dizer a ti.

– E que vais fazer?

– Que posso eu fazer? Vou obedecer – digo, sombria.

– Não podes – exclama com súbita impaciência. Estende as mãos e agarra as minhas, esmagando o bolo. Ajoelha na cama e beija-me as pontas dos dedos, como fez da primeira vez que me disse que me amava, que seria meu amante, que seria meu esposo, que nunca ninguém nos separaria, que eu era a única mulher que tinha alguma vez desejado – a única! – numa longa vida de amantes e prostitutas e criadas e raparigas, tantas que não consegue recordá-las. – Catarina, juro que não podes. Não consigo suportar a ideia. Não o permitirei.

– Não vejo como recusar.

– O que disseste?

– Que preciso de tempo. Que tenho de rezar e pensar.

Ele pousa a minha mão no ventre liso. Sinto a transpiração quente e húmida, e os macios caracóis dos pêlos pretos, a parede de músculo duro por trás da pele firme.

– Foi o que estiveste a fazer esta noite? A rezar?

– Estive a adorar – murmuro.

Inclina-se e beija-me o alto da cabeça.

– Herege. E se lhe disseses que já estás prometida? Que casaste em segredo.

– Contigo? – pergunto sem rodeios.

Aceita o desafio porque é um temerário; qualquer risco, qualquer perigo, e Tomás corre para ele como se fosse uma brincadeira, como se só estivesse vivo à distância de uma espada da morte.

– Sim – diz, ousado. – Claro que comigo. Claro que temos de casar. Podemos dizer que já estamos casados!

Queria ouvi-lo dizer aquilo, mas não me atrevo.

– Não posso desafiá-lo. – A ideia de o perder deixa-me sem voz. Sinto lágrimas escaldantes na cara. Levanto o lençol e limpo-as. – Oh, Deus, ajuda-me, nem poderei ver-te.

Parece chocado. Senta-se sobre os calcanhares, as cordas da cama a gemerem sob o seu peso.

– Isto não pode estar a acontecer. Ainda agora ficaste livre... não estivemos juntos mais de meia dúzia de vezes... eu ia pedir-lhe autorização para casar contigo! Só esperei por respeito pela tua viuvez!

– Eu devia ter lido os sinais. Enviou-me aquelas lindas mangas, insistiu em que cessasse o luto e viesse para a corte. Procura-me constantemente nos aposentos de *lady* Maria, e está sempre a observar-me.

– Pensei que estivesse a namoriscar. Não és tu a única. És tu, e a Catherine Brandon, e a Mary Howard... Nunca pensei que fosse a sério.

– Favoreceu o meu irmão muito além dos seus méritos. Deus sabe que o William não foi nomeado Guardião das Marcas pela sua capacidade.

– Tem idade para ser teu pai!

Esboço um sorriso amargo.

– Que homem põe objecções a uma noiva mais nova? Sabes, penso que ele já andava de olho em mim ainda antes da morte do meu marido, Deus o tenha no seu descanso.

– Eu sabia! – Tomás bate com a mão no poste lavrado da cama. – Eu sabia! Tenho visto a maneira como os olhos dele te seguem para todo o lado. Tenho-o visto mandar-te um pequeno prato disto ou um pedacinho daquilo ao jantar, e lamber a colher com a sua gorda língua depois de tu teres provado. Não consigo suportar imaginá-lo contigo na cama e a sua mão de velho a puxar-te para aqui e para ali.

Faço um esforço e engulo o meu medo.

– Eu sei, eu sei. O casamento vai ser pior do que a corte, e a corte é como uma peça com actores mal irmanados e eu não sei as minhas falas. Santo Deus, Tomás, nem sei dizer-te o medo que tenho. A última rainha...

Perco a voz; não consigo dizer o nome dela. Catarina Howard morreu, decapitada por adultério, há apenas um ano.

– Não temas isso – diz ele, a tranquilizar-me. – Tu não estavas cá, não a conheceste. A Kitty Howard arruinou-se. Se ele lhe fez mal, a culpa foi dela. Era uma autêntica prostituta.

– E que achas tu que ele me chamaria se me visse assim?

Faz-se entre nós um lúgubre silêncio. Ele olha para as minhas mãos, fechadas à volta dos joelhos. Comecei a tremer. Pousa-me as mãos nos ombros e sente-me tremer. Parece chocado, como se acabasse de ouvir as nossas sentenças de morte.

– É preciso que ele nunca suspeite disto – diz, e abarca com um gesto o lume na lareira, o quarto iluminado por velas, os lençóis amarrotados, o inebriante cheiro do amor. – Se alguma vez te perguntar... nega. Eu negá-lo-ei sempre, juro. É preciso que ele nunca ouça nem um murmúrio. Juro que nunca ouvirá uma palavra da minha boca. Temos de combinar isto os dois. Nunca falaremos deste assunto. A ninguém. Nunca lhe daremos motivos para suspeitar, e juraremos segredo.

– Juro. Nem que me torturem, nunca te trairei.

O sorriso dele é caloroso.

– Não torturam os nobres – diz, e toma-me nos braços, com uma profunda ternura. Deita-me na cama e enrola a manta de pele à minha volta, e então estende-se a meu lado, inclinado para mim, a cabeça apoiada na palma da mão para poder ver-me. Faz deslizar a outra mão da minha face húmida até ao pescoço, sobre a curva dos seios, pelo ventre, pelas ancas, como se estivesse a aprender a forma do meu corpo, como se estivesse a ler-me a pele com os dedos, os parágrafos, a pontuação, e a recordá-la para sempre. Então enterra a cara no meu pescoço e aspira o cheiro dos meus cabelos.

– É o adeus, não é? – diz, os lábios colados à minha pele. – Já decidiste, minha dura mulherzinha do Norte. Já tomaste uma decisão, sozinha, e vieste despedir-te de mim.

Claro que é o adeus.

– Acho que morro se me deixares – avisa ele.

– Morremos os dois de certeza se não o fizer – respondo, seca.

– Sempre directa, Kat.

– Não quero mentir-te esta noite. Vou passar o resto da minha vida a mentir.

Estuda-me o rosto.

– És bonita quando choras – comenta. – Sobretudo quando choras.

Pouso-lhe as mãos no peito. Sinto a curva dos músculos e os pêlos escuros debaixo das minhas palmas. Tem uma antiga cicatriz num ombro, de uma espadeirada. Toco-lhe ao de leve, a pensar que tenho de recordar isto, tenho de recordar todos os momentos disto.

– Nunca deixes que ele te veja chorar – diz. – Iria gostar.

Traço com o dedo a linha da clavícula, o desenho do músculo do ombro. O calor da sua pele debaixo das minhas mãos e o cheiro do nosso amor distrai-me do desgosto.

– Tenho de ir antes da aurora – digo, a olhar para a janela fechada pela portada ainda encaixada na moldura. – Não temos muito tempo.

Ele sabe exactamente o que estou a pensar.

– É assim que queres dizer adeus? – Introduz a coxa entre as minhas, de modo que o músculo duro fica apertado contra as dobras de carne macia e o prazer sobe devagar pelo meu corpo, como um rubor. – Assim?

– À maneira do campo – digo, para o fazer rir.

Faz-nos rolar na cama até que fica deitado de costas e eu estendida ao longo do seu corpo comprido e esbelto, por cima dele, para ser eu

a controlar este último acto de amor. Estico-me e sinto-o estremecer de desejo, monto-me nele, as mãos apoiadas no peito, para poder olhar-lhe para os olhos escuros e então baixo-me pouco a pouco até ao ponto em que ele vai penetrar-me e então hesito até ouvi-lo pedir: «Catarina.» Só então avanço. Ele arqueja e fecha os olhos, estica os braços como se estivesse crucificado em prazer. Mexo-me, primeiro devagar, a pensar na delícia dele, a querer que esta última vez dure muito tempo, mas então sinto o calor crescer em mim, e a maravilhosa e familiar impaciência a subir, até que não posso hesitar nem parar e tenho de continuar, a pensar em coisa nenhuma, até que grito em êxtase, chamo o nome dele em alegria e no fim choro e choro por luxúria, por amor, e pela terrível perda que chegará com a manhã.



Na capela, para a Prima, ajoelho ao lado da minha irmã, Nan, rodeadas pelas damas da filha do rei, *lady* Maria que, a rezar sozinha e em silêncio no seu rico e elaborado *prie-dieu*, não pode ouvir-nos.

– Nan, preciso de falar – sussurro.

– O rei disse alguma coisa? – é tudo o que ela diz.

– Sim.

Deixa escapar um pequeno arquejo e então pousa a mão em cima da minha e aperta-a. Tem os olhos fechados em oração. Ajoelhamos lado a lado, como costumávamos fazer quando éramos meninas na nossa casa em Kendal, no Westmorland, e a nossa mãe lia as orações em latim e nós, devotas, murmurávamos as respostas. Quando o longo serviço termina, *lady* Maria põe-se de pé e saímos atrás dela.

Está um belo dia de Primavera. Se estivéssemos em casa, começávamos a arar num dia como este e os gritos dos maçaricos soariam tão alto como os sinos das igrejas.

– Dêmos um passeio pelo jardim antes do pequeno-almoço – propõe *lady* Maria, e nós seguimo-la escada abaixo até ao jardim privado, passando pelos soldados da guarda, que apresentam armas e recuam. A minha irmã, Nan, criada na corte, vê a oportunidade de me dar o braço e desviar-nos para um lado nas costas das damas que caminham com a nossa senhora. Sem dar nas vistas, metemos por um outro caminho e, quando estamos sozinhas e ninguém nos ouve, volta-se para mim. O seu rosto pálido e tenso

é parecido com o meu: cabelos cor de mogno puxados para trás sob a touca, olhos cinzentos e – neste instante – as faces ruborizadas pela excitação.

– Deus te abençoe, minha irmã. Deus nos abençoe a todos. É um grande dia para os Parr. O que disseste?

– Pedi tempo para me habituar à minha alegria – respondo, seca.

– Quanto tempo achas que tens?

– Semanas?

– Ele é sempre impaciente – avisa ela.

– Eu sei.

– O melhor é aceitar já.

Encolho os ombros.

– É o que vou fazer. Sei que tenho de casar com ele. Sei que não tenho alternativa.

– Como mulher dele, serás rainha de Inglaterra; terás uma fortuna ao teu dispor! – afirma. – Todos nós faremos fortuna.

– Sim... a vitela premiada da família está mais uma vez no mercado. Esta é a terceira venda.

– Oh, Kat! Isto não é apenas um qualquer casamento combinado para ti, é a melhor oportunidade que terás em toda a tua vida! É o maior casamento em Inglaterra, talvez no mundo!

– Enquanto durar.

Olha para trás e volta a passar o braço pelo meu, para que possamos caminhar, de cabeças juntas, e falar em murmúrios.

– Estás preocupada, mas talvez ele não dure muito mais tempo. Está muito doente. É muito velho. E então terás o título e a herança mas não o marido.

O marido que acabo de enterrar tinha quarenta e nove anos, o rei tem cinquenta e dois, é velho, mas mesmo assim pode durar até aos sessenta. Tem os melhores médicos e os melhores boticários, e protege-se contra a doença como se fosse um bebé precioso. Manda os seus exércitos para a guerra sem os acompanhar e há já muito tempo que deixou as justas. Já enterrou quatro esposas... por que não uma quinta.

– É possível que lhe sobreviva – concedo, a boca colada ao ouvido dela.

– Mas quanto tempo durou a Catarina Howard?

A minha irmã abana a cabeça, a recusar a comparação.

– Aquela rameira! Traiu-o, e foi suficientemente estúpida para se deixar apanhar. Tu não o farás.

– Não importa – digo, de repente farta de todos estes cálculos. – Porque não tenho alternativa, de todos os modos. É a roda da fortuna.

– Não digas isso; é a vontade de Deus – responde ela, com súbito entusiasmo. – Pensa no que poderás fazer como rainha de Inglaterra. Pensa no que podes fazer por nós!

A minha irmã é uma defensora apaixonada da reforma, quer transformar a Igreja de Inglaterra do estado em que se encontra – um papado sem papa – numa verdadeira comunhão baseada na Bíblia. Como muitos das províncias – quem sabe quantos? – quer que a reforma que o rei fez vá cada vez mais longe até que vivamos livres de toda a superstição.

– Oh, Nan, tu sabes que não tenho convicções... e de todos os modos, por que haveria ele de dar-me ouvidos?

– Porque ele ouve sempre primeiro as esposas. E nós precisamos de alguém que seja a nossa voz. A corte tem um medo de morte do bispo Gardiner, que chegou a interrogar o pessoal da casa de *lady* Maria. Sou obrigada a escolher os meus livros. Precisamos de uma rainha que defenda os reformadores.

– Não eu – declaro sem rodeios. – Não tenho interesse na questão e não vou fingi-lo. Fiquei curada da fé quando os papistas ameaçaram pegar fogo ao meu castelo.

– Sim, eles são assim. Atiram carvões em brasa para dentro do caixão do Richard Champion para mostrar que acham que devia ter sido queimado. Mantêm as pessoas na ignorância e no medo. É por isso que pensamos que a Bíblia devia estar em inglês, para que as pessoas possam compreendê-la e não serem enganadas pelos padres.

– Oh, vocês são tão maus uns como os outros – respondo, com rude franqueza. – Não sei nada a respeito do novo saber, não tinha muitas oportunidades de conseguir livros no Richmondshire, e além disso também não tinha tempo para ficar sentada a ler. Lorde Latimer não os permitia em sua casa. Por isso não sei qual é a discussão e não tenho de certeza qualquer influência junto do rei.

– Mas, Kat, há neste momento quatro homens que só queriam ler a Bíblia em inglês na prisão de Windsor, acusados de heresia. Tens de salvá-los.

– Não, se são hereges, não tenho! Se são hereges, serão queimados. É essa a lei. Quem sou eu para dizer que está errada?

– Mas hás-de aprender – insiste Nan. – É claro que ficaste isolada do novo pensamento quando casaste com o velho Latimer e foste enterrar-te

viva no Norte, mas, quando escutares os pregadores de Londres e ouvires os eruditos explicarem a Bíblia em inglês, compreenderás por que penso como penso. Não há no mundo nada mais importante do que levar a palavra de Deus às pessoas e repelir o poder da antiga Igreja.

– Estou de acordo em que toda a gente devia ter o direito de ler a Bíblia em inglês – concedo.

– É tudo em que tens de acreditar neste momento. O resto virá por si. Verás. E eu estarei contigo – diz. – Sempre. Para onde fores, eu irei. Deus me abençoe, vou ser irmã da rainha de Inglaterra!

Esqueço a gravidade da minha situação e rio.

– Vais ficar inchada como um peru! Como a Mãe havia de ter ficado contente! Consegues imaginar?

Nan ri alto e tapa a boca com a mão.

– Céus! Céus! Se consigo imaginar? Depois de te ter casado e de me ter posto a trabalhar como uma escrava, tudo para benefício do nosso irmão William? Depois de nos ter ensinado toda a nossa vida que a única pessoa que importava era o William e o único país no mundo a Inglaterra e o único lugar a corte e o único rei o Henrique?

– E a herança! – exclamo. – A preciosa herança que me deixou! O seu maior tesouro era um retrato do rei.

– Oh, ela adorava-o. Para ela, foi sempre o mais belo príncipe da cristandade.

– Considerar-me-ia honrada por casar com os despojos.

– Bem, e és – faz Nan notar. – Ele fará de ti a mulher mais rica de Inglaterra; ninguém chegará perto de ti no que toca a poder. Vais fazer tudo o que quiseres, e disso tu gostas. Toda a gente... até a esposa do Edward Seymour, terá de fazer-te reverência. Vou gostar de ver. A mulher é insuportável.

A referência ao irmão de Tomás faz-me perder o sorriso.

– Sabes, tinha pensado no Tomás Seymour para meu próximo marido.

– Mas não lhe disseste nada directamente? Nunca falaste do assunto a ninguém? Não falaste com ele?

Nítido como num retrato, vejo Tomás nu à luz das velas, o seu sorriso conhecedor, a minha mão no ventre dele a seguir a linha de pêlos negros para baixo. Sinto-lhe o cheiro enquanto ajoelho à sua frente e lhe encosto a cara à barriga, os meus lábios a abrirem-se.

– Não disse nada. Não fiz nada.

– Ele não sabe que tinhas considerado a possibilidade? – insiste. – Estavas a pensar em casamento para o bem da família, não por desejo, Kat?

Penso nele deitado na cama, a arquear as costas para chegar mais fundo dentro de mim, os braços estendidos, as pestanas escuras nas faces morenas quando fecha os olhos em abandono.

– Não faz a mínima ideia. Só pensei que a fortuna e a família dele seriam boas para nós.

Ela assente com a cabeça.

– Teria sido um excelente casamento. Eles são uma família em ascensão. Mas não podemos voltar a falar disto seja a quem for. Ninguém pode saber que estavas a pensar nele.

– Não estava. Teria de casar com alguém que beneficiasse a família. Ele ou outro qualquer.

– Tem de ser como se estivesse morto para ti – insiste Nan.

– Não voltei a pensar nele. Não voltei a falar com ele, não pedi ao nosso irmão que falasse com ele. Nunca referi o nome dele a quem quer que fosse, nem ao nosso tio. Esquece-o; eu já esqueci.

– Isto é importante, Kat.

– Não sou tola.

Ela faz um aceno de cabeça.

– Nunca mais voltaremos a falar dele.

– Nunca.



Esta noite sonhei com Tryphine. Sonhei que sou uma santa, casada contra minha vontade com o inimigo do meu pai, a subir uma escura escada no seu castelo. Vem um cheiro horrível da câmara no alto da escada. Prende-se-me ao fundo da garganta e faz-me tossir enquanto subo, uma mão na húmida e encurvada parede de pedra, a outra a segurar uma vela cuja chama dança e tremula agitada pela brisa pestilencial que vem da câmara lá em cima. É o cheiro da morte, o cheiro de qualquer coisa morta e a apodrecer vindo do outro lado da porta fechada, e eu tenho de entrar por aquela porta e enfrentar o meu maior medo, porque sou Tryphine, casada contra minha vontade com o inimigo do meu pai, a subir uma escura escada no seu castelo. Vem um cheiro horrível da câmara no alto da escada. Prende-se-me ao fundo da garganta e faz-me tossir enquanto subo, uma

mão na húmida e encurvada parede de pedra, a outra a segurar uma vela cuja chama dança e tremula agitada pela brisa pestilencial que vem da câmara lá em cima. É o cheiro da morte, o cheiro de qualquer coisa morta e a apodrecer vindo do outro lado da porta fechada, e eu tenho de entrar por aquela porta e enfrentar o meu maior medo, porque sou Tryphine, casada contra minha vontade com o inimigo do meu pai, a subir uma escura escada no seu castelo... E o sonho repete-se, uma e outra vez, enquanto eu subo a escada, que se transforma noutra escada, que se transforma noutra escada, para cima, sempre para cima, enquanto a luz da vela ilumina a escura parede e o cheiro que vem da câmara fechada se torna cada vez mais forte até que por fim me engasgo de tal maneira com o fedor que a cama abana e Mary-Clare, outra dama de companhia que partilha o leito comigo, me acorda e diz:

– Deus vos abençoe, Catarina, estáveis a sonhar e a tossir e a gritar! Que se passa convosco?

– Nada – respondo. – Deus me abençoe, tive tanto medo. Tive um sonho, um sonho mau.



O rei visita todos os dias os aposentos de *lady* Maria, pesadamente apoiado ao braço de um dos amigos, a tentar esconder o facto de a perna doente estar a apodrecer debaixo dele. Eduardo Seymour, o cunhado, serve-lhe de muleta, entretém-no com uma conversa agradável, encantador como todos os Seymour. Com frequência, Tomás Howard, o velho duque de Norfolk, segura o outro braço, o rosto congelado num cansado sorriso cortês, e Stephen Gardiner, o bispo de Winchester, largo de cara e de ombros, caminha atrás deles, sempre pronto a avançar e intervir. Todos riem alto das graças do rei e louvam a profundidade das suas afirmações; nunca ninguém o contradiz. Duvido que alguém tenha discutido com ele desde Ana Bolena.

– Outra vez o Gardiner – comenta Nan, e Catherine Brandon inclina-se para ela e murmura qualquer coisa. Vejo Nan empalidecer e Catherine assentir com a bela cabeça.

– Que se passa? – pergunto-lhe. – Por que está o Stephen Gardiner a acompanhar o rei?

– Os papistas estão na esperança de fazer cair o Tomás Cranmer, o melhor arcebispo e o mais cristão que esta corte alguma vez teve – diz a minha

irmã num rápido murmúrio. – O marido da Catherine disse-lhe que planeiam acusar o Cranmer de heresia, esta tarde. Pensam que têm o suficiente contra ele para o mandar para a fogueira.

Estou tão chocada que mal consigo responder.

– Não se pode matar um bispo! – exclamo.

– Pode-se, sim – diz Catherine, num tom seco. – O rei fê-lo: o bispo Fisher.

– Isso foi há anos! O que fez o Tomás Cranmer?

– Prevaricou contra os Seis Artigos de fé do rei – explica Catherine Brandon, no mesmo instante. – O rei nomeou seis coisas em que todos os cristãos têm de acreditar, ou enfrentar acusações de heresia.

– Mas como pode ele ter prevaricado? Ele não pode ser contra os ensinamentos da Igreja; ele é o arcebispo, é a Igreja!

O rei avança na nossa direcção.

– Pede ao rei que perdoe ao arcebispo! – diz-me a minha irmã, apressada.

– Salva-o, Kat!

– Como? – pergunto, e então calo-me e sorrio, enquanto Henrique coxeia para mim, sem mais do que um aceno de cabeça à filha.

Detecto a expressão interrogativa de *lady* Maria, mas, se a princesa acha o meu comportamento pouco próprio de uma viúva de trinta anos, não há muito que possa dizer. *Lady* Maria tem apenas menos três anos do que eu mas aprendeu a cautela durante uma infância cruelmente dolorosa. Viu os amigos, o tutor e até a preceptora desaparecerem do seu serviço para entrar na Torre de Londres, e daí subir ao cadafalso. Avisaram-na de que o pai a mandaria decapitar por culpa da sua obstinada fé. Por vezes, quando reza em silêncio com os olhos rasos de lágrimas, penso que está doente de desgosto por aqueles que perdeu e não pôde salvar. Imagino que acorda todos os dias torturada pela culpa, a saber que renegara a sua fé para salvar a vida; e os amigos não.

Põe-se de pé enquanto o rei se senta na cadeira que colocaram ao lado da minha, e só volta a sentar-se quando ele agita a mão. Só fala quando ele lhe dirige a palavra, permanece silenciosa, a cabeça dobrada numa postura de obediência. Não irá queixar-se por o pai namoriscar com uma das suas damas de companhia. Engolirá a sua dor até que ela a envenene.

O rei faz-nos sinal de que podemos sentar-nos, inclina-se para mim e, num murmúrio íntimo, pergunta-me o que estou a ler. Mostro-lhe de imediato a página de rosto. É um livro de histórias francesas, nada que possa ser proibido.

– Ledes francês?
– E também falo. Não tão fluentemente como Vossa Majestade, claro.
– Ledes outras línguas?
– Um pouco de latim, e tenciono estudar, agora que tenho mais tempo – digo. – Agora que vivo numa corte culta.

Ele sorri.

– Sempre fui um erudito toda a minha vida; receio que nunca possais apanhar-me, mas devíeis aprender o suficiente para ler para mim.

– A poesia de Vossa Majestade em inglês iguala tudo o que foi escrito em latim – afirma um dos cortesãos, entusiasmado.

– Toda a poesia é melhor em latim – contradiz Stephen Gardiner.
– O inglês é a língua do mercado, o latim é a língua da Bíblia.

Henrique sorri e agita a gorda mão, os enormes anéis a cintilar enquanto descarta a discussão.

– Vou escrever-vos um poema em latim, e vós traduzi-lo-eis – promete-me. – Julgareis qual é a melhor língua para palavras de amor. A mente de uma mulher pode ser o seu maior ornamento. Mostrar-me-eis a beleza da vossa inteligência bem como a beleza do vosso rosto.

Os olhos pequenos deslizam do meu rosto para o decote do vestido e detêm-se na curva dos seios, levantados pelo apertado corpete. Lambe os lábios franzidos.

– Não é a mais bela dama da corte? – pergunta ao duque de Norfolk.

O velho produz um fraco sorriso, os olhos a avaliarem-me como se eu fosse uma peça de carne.

– É sem dúvida a mais bela de muitas flores – diz, a olhar em redor à procura da filha, Mary.

Vejo a minha irmã olhar para mim com um ar de urgência, e comento:

– Pareceis um pouco cansado. Alguma coisa perturba Vossa Majestade?

Ele abana a cabeça e o duque de Norfolk inclina-se para ouvir.

– Nada que deva preocupar-vos. – Pega-me na mão e puxa-me um pouco mais para si. – Sois uma boa cristã, não é verdade, minha querida?

– Com certeza – declaro.

– Ledes a Bíblia, rezais aos santos e tudo isso?

– Sim, Vossa Majestade, todos os dias.

– Então sabeis que dei a Bíblia em inglês ao meu povo e que sou o chefe da Igreja em Inglaterra?

– Com certeza, Vossa Majestade. Eu prestei o juramento. Reuni todos os membros da minha casa no Castelo de Snape e obriguei-os a jurar que vós sois o chefe da Igreja e que o papa é apenas o bispo de Roma e não tem autoridade em Inglaterra.

– Há quem queira ver a Igreja de Inglaterra seguir o caminho dos luteranos, mudando tudo. E há quem pense o exacto contrário e queira ver tudo voltar ao que era antes, restaurando o poder do papa. Vós que pensais?

Do que tenho a certeza é que não quero expressar a minha opinião de uma maneira ou de outra.

– Penso que devo ser guiada por Vossa Majestade.

Ele ri alto, pelo que toda a gente tem de rir com ele. Faz-me uma festa no queixo.

– Tendes toda a razão – diz. – Como súbdita e como amada. Digo-vos, vou publicar a minha decisão sobre estas questões. Chamar-lhe-ei *O Livro do Rei*, para que as pessoas possam saber o que pensar. Ensiná-las-ei. Encontrei uma via mediana entre o Stephen Gardiner, aqui presente... que gostaria que todos os rituais e poderes da Igreja fossem de novo restaurados... e o meu amigo Tomás Cranmer... que *não* está connosco... que gostaria de vê-los reduzidos ao osso da Bíblia. Para o Cranmer não devia haver mosteiros, nem abadias, nem capelas votivas... e nem padres. Só pregadores e a palavra de Deus.

– E por que não está o vosso amigo Tomás Cranmer aqui connosco? – pergunto, nervosa. Uma coisa é prometer salvar um homem, outra muito diferente é fazê-lo. Não sei como devo exortar o rei à misericórdia.

Os pequenos olhos de Henrique brilham.

– Suponho que estará, cheio de medo, à espera de saber se vai ser acusado de heresia e traição. – Ri. – Suponho que estará atento aos passos dos soldados com ordens de o levar para a Torre.

– Mas se é vosso amigo?

– Nesse caso, o terror será amenizado pela esperança de misericórdia.

– Mas Vossa Majestade é tão graciosa... perdoar-lhe-eis? – sugiro.

Gardiner avança um passo e ergue uma mão, como que para me silenciar.

– Cabe a Deus perdoar – decreta o rei. – A mim cabe-me impor a justiça.

